

Editorial

Brasil.

Abril. Agosto. Dezembro.

Três publicações da *QUAESTIO*. Momentos em que parei para registrar, em poucas linhas e entre estações, os acontecimentos de um ano para não esquecer. Peço licença aos leitores para retomar essas ideias, como possibilidade de ampliar nossa reflexão.

Lá no mês de abril de 2020 registrava em Editorial, no primeiro número desta Revista, que este ano anunciava dividir-se “em três distintos momentos: seus dois primeiros meses considerados, com Bruno Latour, pré-crise; a partir de março, com possibilidades de estender-se até julho ou além, vivemos o tempo da crise; e em algum local do calendário entraremos nos tempos de pós-crise”.

Lá em agosto, assim escrevi: “Atualmente, lamentamos a perda de lideranças dos nossos povos originários, que seguem vulneráveis e sem o adequado amparo social garantido pela Constituição. A perplexidade e a estupefação nos acompanham. Seis meses depois, neste país devastado por mais de 100 mil mortes, por incontáveis quilômetros de destruição florestal e pelos demais horrores que nos acometem diariamente, buscamos forças para resistir.”

Chegamos a dezembro e o calendário nos lembra que continuamos em pleno epicentro de não apenas uma, mas pelo menos três crises identificáveis: a climática, a sanitária e a sociopolítica, que se instalam como uma permanência de modos de viver. Uma crise climática que há décadas anuncia seus efeitos devastadores, avança em nosso país por entre períodos de seca; faz aliança com queimadas predatórias e criminosas, destrói biomas inteiros e se soma a um dos efeitos daquilo que Bruno Latour denomina de mutação ecológica irreversível. Uma crise sanitária que irrompe em segunda onda da pandemia causada pelo Covid-19 na Europa, na China, etc., e que agrava a primeira onda entre nós, contabilizando mais de 170 mil mortes. Uma crise sociopolítica que escancara pelas urnas em eleições municipais, a fragilidade do sistema político partidário nacional. Por outro lado, elegemos 24 mulheres e um homem trans para vereança em diversos municípios brasileiros e um expressivo número de mulheres pretas, pessoas com

deficiência, representantes de povos originários etc. Uma fagulha se acende em nossa militância pela democracia.

Dessa forma, reafirmamos nossa aposta no campo da Educação e na formação humana como possibilidade de prosseguir, resistindo em modos de viver mais solidários e integrados.

Exercitando o verbo esperar, com Paulo Freire, trazemos nesta edição reflexões sobre a Educação em sua multiplicidade e abrangência. A publicação do dossiê “Educação Física Escolar”, organizado pelas Prof.^{as} Dr.^{as} Vilma Lení Nista-Piccolo e Alessandra Andrea Monteiro, tem por objetivo trazer importantes contribuições de renomados educadores físicos com as práticas pedagógicas vivenciadas nas aulas de Educação Física, refletidas na contemporaneidade.

Os artigos de demanda nesta edição transitam pelos aspectos históricos da educação, como no artigo “*Os homens viviam no círculo de Deus*”: a religiosidade portuguesa no século XVI”, que apresenta os vínculos entre a cultura religiosa cristã portuguesa e as origens da História da Educação brasileira, no sentido de compreender as especificidades de formação humana requeridas no período.

As questões referentes a práticas educacionais são contempladas pelos artigos: “*Trajetória de professores das escolas multisseriadas do Município de Concórdia/SC e suas práticas educativas (1950-1970)*”, que apresenta a trajetória de um grupo de professores das escolas multisseriadas do Município e analisa as práticas educativas desenvolvidas por estes profissionais e que caracterizaram as escolas, considerando-se o contexto socioeconômico do município; “*Recreio escolar de crianças do ensino fundamental: estudo de panorama de produções científicas brasileiras*” defende a ampliação de pesquisas com o recreio como contexto educativo para as crianças; “*Abordagem construtivista: caso de uma escola no Norte do Rio Grande do Sul*”, que analisa o referido educandário, problematizando a concepção eleita para sua fundamentação, especialmente, em relação aos seus princípios e filosofia, ao aluno, ao professor e as metodologias utilizadas.

A temática políticas educacionais está contemplada nos textos: “*As escolas multisseriadas do município de Iguape 1980-2008*”, que visa compreender as diferenças dessa forma com as escolas urbanas e reconhecer a importância destas instituições para a comunidade rural;

“*Educação e política: uma análise dialética da educação em tempos de “neutralidade” política*” é de interesse de uma política que busca a domesticação de um povo, que, mais do que

conseguir criar uma lei específica sobre esse tema, busca inibir qualquer foco de resistência que possa surgir num espaço como a escola; *“Interações na rede de Políticas na Educação Infantil no Brasil e a produção do texto legal (2001-2015)”*, na qual os autores identificam um espaço de abertura que se caracteriza como colaboração à concertação social, com multiplicidade de instituições de coletivos.

Com o enfoque nas questões metodológicas, publicamos *“O discurso sobre as metodologias ativas para o ensino de biologia: teorizações e trilhas na formação inicial de professores”*, que se propõe a analisar o discurso dos licenciandos sobre o uso de metodologias ativas para o ensino de biologia; *“Educação ambiental: uma experiência em relação à formação escolar sobre o subtema resíduos sólidos”*, reflete que a maioria dos alunos possuem conhecimentos e hábitos errôneos, bem como há a falta de abordagens e práticas educacionais sobre o tema Meio Ambiente e o subtema resíduos sólidos.

As resenhas: *“Transformando angústia em raiva: o homem branco em fins de sua hegemonia”*, *“Lobby e políticas públicas”*, *“Ensino religioso: aspectos legal e curricular”* e *“A fabulosa história do hospital: da Idade Média aos dias de hoje”* completam as reflexões desse número, com dois livros de publicação recente.

Desejo aos nossos leitores bons encontros com as ideias aqui apresentadas.

Dezembro 2020

Alda Regina Tognini Romaguera 